



Caravelas



"Ah!
nau bandelrante,
singrando mares
de verdura,
ancoraste na pedra
de manganês."

ÓRGÃO INFORMATIVO E LITERÁRIO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CONSELHEIRO LAFAYETTE

PREMIAÇÃO AOS VENCEDORES DO X CONCURSO LITERÁRIO INTERNACIONAL E V JOGOS FLORAIS

No dia 17 de dezembro de 2004, a ACLCL promoveu sessão solene de entrega de diplomas e medalhas aos vencedores do X Concurso Literário Internacional Cidade de Conselheiro Lafaiete e dos V Jogos Florais - versão 2004, na Associação Médica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Em Lafaiete, a sessão festiva de premiação aconteceu no dia seguinte, no salão nobre da 2ª Subseção da OAB, em Conselheiro Lafaiete. **Leia na página 5**



Mesa de honra da solenidade de entrega dos prêmios aos vencedores do X Concurso Literário Internacional "Cidade de Conselheiro Lafaiete", em Belo Horizonte

RETROSPECTIVA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA ACADEMIA NO ANO DE 2004

Como o jornal "Caravelas" não circulou em 2004, a Diretoria Executiva acatou proposta do Conselho Editorial no sentido de se publicar nesta edição, uma retrospectiva das principais atividades desenvolvidas naquele ano. Assim, você pode conferir, nas **páginas 4 a 6**, os principais eventos culturais e as sessões solenes da Academia, de janeiro a dezembro de 2004.



Mesa de honra da solenidade de entrega do Diploma da Ordem "Construtores do Progresso" - Versão 2004, no Espaço Cultural Lafayette

ACADEMIA PERDEU CINCO MEMBROS EFETIVOS - Página 4 e 6

NOTÍCIAS DA ACLCL - Páginas 11 e 13

MOVIMENTO LITERÁRIO CARAVELAS - Páginas 7 a 10

CONSTRUTORES DO PROGRESSO - Páginas 12 e 16



EDITORIAL

Um ano se passou e mais um se finda e o esforço da diretoria tem sido plenamente recompensado. Muitos eventos culturais promovidos pela Academia vem alcançando o esperado sucesso, conforme bem demonstram as fotos publicadas na retrospectiva de 2004 e nas notícias do primeiro semestre de 2005. O público tem prestigiado tanto as sessões solenes quanto as reuniões festivas e culturais da ACLCL, lotando ora o Espaço Lafayette, ora os plenários da OAB e da Câmara Municipal, ora as dependências da Casa de Cultura Gabriella Mendonça, sede da Academia.

Pena que muitos acadêmicos não estejam participando, efetivamente, das nossas atividades. Alguns justificam suas ausências por motivo de viagem ou doença, o que é compreensível. Mas, percebemos que as atividades acadêmicas, inexplicavelmente, não são prioridade para um grande número de confrades e confeitras.

Um fato preocupante é a proximidade das eleições dos novos membros da Diretoria Executiva e do Conselho Superior. É salutar a renovação dos quadros diretivos, incrementando visões mais abrangentes, estabelecendo mudanças organizacionais, ampliando horizontes, enfim, injetando "sangue novo" na Academia. Entretanto, verificamos que os acadêmicos e acadêmicas mais jovens não participam da vida acadêmica com a necessária assiduidade. Esta interação garantiria uma

sucessão proveitosa e natural, formando ciclos de gestão cada vez mais comprometidos com a evolução da "Casa de Alberto Libânio Rodrigues".

Preocupa-nos, sim, constatar que cerca de 50% dos acadêmicos jamais comparecem aos eventos, seja para uma troca de idéias, seja para apreciar as inúmeras atrações culturais, ou apenas para desfrutar do fraternal chá acadêmico. Temos, então, um grande desafio: como atrair esses filhos pródigos para que retornem ao lar paterno, berço que os abrigou e que sente suas longas ausências? Devemos esperar que venham espontaneamente, como na parábola, recebendo-os de braços abertos? Devemos conclamá-los, como fazemos agora, a retornar ao lar antigo para trocar experiências e participar da construção deste abrigo cultural que um dia ajudaram a fundar? Ou deixar que sigam outros caminhos, quem sabe mais consentâneos com as aspirações que acalentam?

Quem sabe as respostas virão na Assembléia Geral Extraordinária, em novembro próximo, quando serão discutidos os velhos e os novos rumos da nossa Academia! Sim, vale a pena esperar e torcer para que a primavera prenuncie novas e frutuosas idéias. Vale a pena acreditar que as primeiras chuvas de verão sejam mensageiras de novos tempos e, após irrigarem o solo fértil, façam florescer e frutificar uma proveitosa e abençoada colheita!

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Os presidentes do Conselho Superior e da Diretoria Executiva da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayete, considerando os termos do Art. 18 dos Estatutos, convocam os membros efetivos para a Assembléia Geral Extraordinária - AGE, a se realizar na Casa de Cultura Gabriella Mendonça, na rua Comendador Baêta Neves, 68 - Centro, no dia 19 de novembro de 2005, sábado, às 14 horas, em 1ª convocação, com presença de 2/3 (dois terços) dos membros, ou, em 2ª convocação, às 15 horas, no mesmo dia e local, para tratar dos seguintes assuntos:

- 1 - Aprovação de mudanças estatutárias.
- 2 - Aprovação de mudanças regimentais.

Observações: Para os efeitos legais, o atual número de membros efetivos é 80 (oitenta).

As propostas deverão ser apresentadas, por escrito, até o início da AGE.

Os Estatutos e o Regimento Interno se encontram no site da ACLCL e na Casa de Cultura.

Caso necessário, cópias podem ser enviadas aos acadêmicos.

Conselheiro Lafaiete, 17 de outubro de 2005.

*Acadêmico Alex Assis Milagre
Presidente do Conselho Superior*

*Acadêmico Carlos Reinaldo de Souza
Presidente da Diretoria Executiva*

EXPEDIENTE Caravelas

INFORMATIVO TRIMESTRAL DA
*Academia de Ciências e Letras
de Conselheiro Lafayete*

Fundada em 18/09/1993

CNPJ 73.716.680/0001-18

Utilidade Pública Municipal-Lei 3.731/
95

Rua Comendador Baêta Neves, 68-
Centro

Casa de Cultura Gabriella Mendonça
CEP 36400-000 - Cons. Lafaiete - MG
Telefones: (31) 3769-2600 e 3763-5000

E-mail: contato@aclcl93.com.br

Site: www.aclcl93.com.br

Jornalista Responsável

Márcia Terezinha Carreira Rodrigues
Reg. Prof. MG1906JP

Conselho Editorial e de Seleção

Acadêmicos(as): Aluísio Santiago Campos
Júnior, Antônio Francisco Pereira, Avelina
Maria Noronha de Almeida, Benedicto
Fernandes Carlos, Efigênia Chaves Janoni,
Lêda Maria Augusta Vieira de Faria, Lucy
de Assis Silva, Martha Faria Fernandes,
Marina Biagioni Marques, Paulo Roberto
Antunes e Zeni de Barros Lana.

**Diretoria da ACLCL
Gestão 2002/2005**

Presidente-emérita: profa. Avelina
Maria Noronha de Almeida.

Conselho Superior

Presidente: Allex Assis Milagre; **Vice-
presidente:** Carlo José Menezes; **Secretário:**
Wilson Baêta de Assis; **Relatores:** Antônio Francisco Pereira,
Benedicto Fernandes Carlos, Márcio
Verdolin Hudson e Pedro de Souza Car-
valho.

Diretoria Executiva

Presidente: Carlos Reinaldo de Souza;
Vice-presidente: Maria do Carmo
Batista Ferreira Costa; **1º secretário:**
Marina Biagioni Marques; **2º secretário:**
Leila Maria Silva Barbosa; **1º tesou-
reiro:** Martha Faria Fernandes; **2º
tesoureiro:** Nathércia Mendes.

Tiragem

1.000 exemplares

Circula em todos os países de língua
portuguesa.

Diagramação

Geizelaine Cristina Gonçalves Dias

Impressão

Correio da Cidade- Tel.: (31) 3763-
5987



Acadêmico da ACLCL recebe o título de Mestre em Letras

O acadêmico lafaietense, professor e advogado Paulo Roberto Antunes, recentemente recebeu o título de Mestre em Letras pela Unincor – Universidade Vale do Rio Verde, sediada em Três Corações-MG.

Há mais de 2 anos, o professor Antunes cursava Mestrado em Letras naquela universidade. Ele ocupa a Cadeira número 66 na Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette tendo como patrona a teatróloga Placidina de Queirós.

Paulo Antunes redigiu sua dissertação sobre a obra jornalística da escritora do Modernismo Brasileiro, Clarice Lispector, e deu-lhe o título de “Denúncia Político-Social e Alteridade na Descoberta do Outro: Uma Análise de Crônicas de Clarice Lispector”. O título faz uma intertextualidade com o conhecido livro de Clarice, “A Descoberta do Outro”, obra póstuma da autora que contém as crônicas que ela escreveu para o Jornal do Brasil, durante o período de 1967 a 1973.

Em seu trabalho de pós-graduação, Antunes mostrou o lado político de Clarice Lispector posicionando-se contra a ditadura militar em seu período mais obscuro (o do governo Médici). Ele analisou 16 crônicas clariceanas e

as relacionou com o contexto histórico brasileiro, demonstrando o engajamento da autora com as causas políticas e sociais, algo que não é comum nos livros didáticos no tocante aos estudos sobre a citada autora; aliás, o estudo da Clarice como cronista de jornal ainda é raridade no meio acadêmico.

Envolvendo-se também pelos caminhos da Psicanálise, Paulo Antunes evidenciou, em sua dissertação, a prática de alteridade na escrita de Lispector, demonstrando que ela exercitava esse tipo de “vivência do outro” de variadas e singulares formas e usava a alteridade para tornar sua denúncia político-social mais contundente e substancial.

Com sua tese, Paulo Antunes provou que há um vazio didático nos livros de Literatura Brasileira em relação ao lado de engajamento da escritora e demonstrou que estão equivocados os escritores de Literatura que consideram a obra de Clarice Lispector como sendo tão-somente de cunho intimista e conteúdo psicológico.

■ Paulo Antunes é professor da Faculdade Santa Rita e assessor jurídico do Sindicato dos Escritores do Estado de Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte.

Movimento de 1842 em Queluz:

Revolução ou Rebelião? Heróis ou Reformistas?

O movimento revolucionário de 1842 eclodiu em São Paulo e em Minas Gerais demonstrando a insatisfação com as reformas conservadoras, entre elas a Lei de Interpretação do Ato Adicional de 1834, a reforma do Código de Processo Criminal de 1841 e o restabelecimento do Conselho de Estado, também nesse ano, que foram instituídos para diminuir os excessos liberais, provenientes da regência.

Minas aderiu ao movimento em 10 de junho e seus adeptos aclamaram José Feliciano Pinto Coelho - futuro Barão de Cocais - presidente interino da província, recusando-se então a seguir ordens do presidente da província em Ouro Preto, Bernardo Jacinto da Veiga.

As causas declaradas da revolução eram, principalmente, sustentar a constituição política do Império; reduzir a centralização do poder; aumentar a autonomia das províncias; anular a dissolução da Câmara dos Deputados e implementar a formação de um gabinete conciliador.

Os protagonistas foram José Feliciano, que era de espírito moderado, Teófilo Otoni, um liberal assumido, que era simpático às causas republicanas e que, junto com Nunes Galvão, assumiu a chefia militar do movimento; Cônego Antônio Marinho, que era secretário do governo insurgente e seu historiador oficial, e Bernardo P. de Vasconcelos, que foi o mentor político da revolução.

Mesmo tendo sido vitoriosa na antiga Queluz - hoje Conselheiro Lafaiete - e em Sabará, as tropas do Império, lideradas por Caxias, a sufocaram com rapidez em outros lugares.

É importante ressaltar que a historiografia posterior ao movimento é recorrente no livro de Cônego Antônio Marinho, o que faz com que sua visão seja endossada pelos estudiosos do assunto. Mas, o questionamento que devemos fazer é sobre até que ponto sua participação no movimento direcionava a maneira com que ele escreveu o seu livro, o quanto foi movido por suas paixões, pelo seu envolvimento pessoal, correndo o risco de incidir em uma “história ideológica”, ou seja, na manipulação de acontecimentos históricos com o intuito de produzir significações particulares. Até porque, quando escreveu o livro, ele se encontrava refugiado na

Fazenda São Gonçalo, distrito de Queluz. Procuramos entender as suas representações, que davam ao movimento uma carga ideológica. E uma das evidências da romantização do assunto é o próprio fato de darem a ele o nome de revolução, sendo que revolução designa uma mudança brusca e violenta na estrutura da sociedade e, sobretudo, na constituição do governo e do Estado. Porém, no caso analisado, as propostas definidas pelos revolucionários não tinham tais características, pois queriam o regresso de uma situação que havia sido modificada, sem as mudanças bruscas típicas de uma revolução. Em resumo, não passava de uma rebelião, que é uma luta pelo poder, bem diferente da luta revolucionária. Esse conceito é bastante problemático na forma usada por Marinho porque não é bem definido. Para esse autor existem dois sentidos nesta palavra, quais sejam o de uma mudança na forma de governo “mudança que mexe nas estruturas que subverte a ordem social”, e outro sentido é um movimento que deseja a volta a um estado anterior de coisa. O primeiro sentido Marinho aplica aos conservadores e o segundo, aos insurgentes de 1842. Isso acontece porque o século XIX é um momento de mudança do significado desse termo. Devemos ver, a partir desses fatos, que instituir esse movimento como revolução, no sentido que entendemos hoje, não é correto. A carga ideológica do texto de Cônego Antônio Marinho se torna visível também quando mencionamos o culto exacerbado com os heróis. Os documentos oficiais tratam o movimento como rebelião - ataca à situação política que visa apenas uma mudança das leis, justamente porque não é um movimento contra o Imperador, mas contra as leis regressistas. Pretendemos desvencilhar da idéia de que Minas tende a garantir a ordem e a liberdade de todo o país, por se tratar apenas do grau de interesses particulares da luta política. Não pretendemos negar a importância do movimento, mas entender nele a grande carga de mitificação que possui. (Footnotes)

¹ FERNANDES, Florestan. *O que é Revolução*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. P. 8.



NOTÍCIAS DA ACLCL | RETROSPECTIVA 2004



JANEIRO/2004

*19 - A ACLCL recebeu como estagiária, Valéria Cristina Rodrigues de Souza, estudante de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). As áreas desenvolvidas englobaram a história de Cons. Lafaiete, histórico da ACLCL, noções básicas de informática, práticas de biblioteconomia e restauração de livros.

FEVEREIRO/2004

*18 - A Acadêmica Vanessa Verdolim Hudson Andrade, ocupante da Cadeira 71, foi empossada desembargadora do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

*28 - Reunião na Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", quando o prof. Antônio Helvécio de Almeida proferiu palestra sobre o tema "Participação do Clero na Conjunção Mineira", seguido de debate com os acadêmicos e visitantes.

MARÇO/2004

*5 - Falecimento do cronista e acadêmico Gilberto Victorino de Souza, que ocupava a Cadeira nº 29, cujo Patrono é o jornalista Djalma Andrade. Gilberto foi sepultado no mesmo dia, no cemitério Parque "Vale do Ipê", acompanhado de vários acadêmicos e amigos, com oração fúnebre do presidente da ACLCL, Carlos Reinaldo de Souza, e declamação de um poema pela acadêmica Efigênia Chaves Janoni.

ABRIL/2004

*17 - Sessão solene na Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", em homenagem póstuma ao Acadêmico Gilberto Victorino de Souza, com a presença de familiares e acadêmicos. Na solenidade foi entregue à viúva, Sra. Maria da Aparecida Cunha de Souza, o diploma relativo ao troféu "Atleta da Cultura/2004", conferido pela ACLCL ao cronista Gilberto Victorino, pela sua extensa obra literária. Apresentação do Coral Projeto Re-criança do "Lar de Maria", finalizando com o chá acadêmico.

MAIO/2004

*7 - Falecimento do acadêmico Dom Geraldo Majela Reis, que ocupava a Cadeira nº 33, cujo Patrono é Dom Daniel Tavares Baêta Neves. O arcebispo emérito de

Diamantina, fora eleito após o falecimento de Monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho, que foi o primeiro ocupante. Seu corpo foi velado na Matriz Nossa Senhora da Conceição, em Lafaiete, e sepultado em Diamantina.

*29 - Reunião das diretorias da ACLCL e UBT/Lafaiete, para escolha dos temas dos V Jogos Florais, sendo escolhidos: nível municipal - NAZARÉ (com alusão ao centenário desse Colégio); nível estadual - SABER; e nível nacional - MESTRE. Presentes os acadêmicos Elias de Lima, presidente da UBT local, Acadêmica Zeni de Barros Lana e a trovadora Célia Maria Barbosa, ambas residentes em BH.

JUNHO/2004

*8 - Lançamento do livro "Em Defesa do Parlamento", cujo autor é o deputado estadual Antônio Carlos Doorgal de Andrada, no Hotel Real Center. O presidente da ACLCL, Carlos Reinaldo de Souza, saudou o ilustre escritor, descendente da tradicional família do Patriarca da Independência.

*26 - Sessão festiva na Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", para posse do Membro Correspondente da ACLCL, o lafaietense Marco Antônio Gomes, presidente do Arquivo do Conhecimento Cláudio Manoel da Costa. Ele foi saudado pelo Acadêmico Alexandre Nepomuceno e pelo presidente Carlos Reinaldo, na foto, ladeado pelos acadêmicos Wolmar Nogueira Borges e Alex Milagre.

*29 - Lançamento do livro "Uma vida de Vitória", da lafaietense Vitória Maria N. Rezende, na igreja Nossa Senhora da Paz, quando compareceram o presidente da ACLCL e vários acadêmicos. O livro foi prefaciado pela acadêmica Avelina Maria Noronha de Almeida e editado pelo CMC.

JULHO/2004

*14 - A acadêmica Marina Biagioni Marques, foi a vencedora do concurso do Hino Oficial do Centenário do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, (letra e música), partitura do acadêmico Alex Milagre. A autora recebeu o prêmio durante Missa em Ação de Graças, das mãos da Revma. Irmã Maria Camila Marques, diretora daquele conceituado educandário.

*17 - No Fórum de Debates sobre a Cultura Afro-brasileira, o Adido Cultural do

Consulado de Angola, José Antônio dos Santos foi home-nageado pela ACLCL, com o diploma de "Honra ao Mérito", entregue pelo presidente Carlos Reinaldo de Souza, que o presenteou com as últimas edições das antologias e do jornal "Caravelas", além de um exemplar do livro "Queluzfadas".

*25 - A ACLCL prestigiou o V Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete (FACE), homenageando a radialista e atriz

Zuleika Dutra. Na ocasião o acadêmico Paulo Roberto Antunes, em nome da ACLCL, outorgou ao teatrólogo Geraldo Lafayette, o diploma de "Honra ao Mérito"

*27 - A Escola Estadual Maria Augusta Noronha promoveu a Festa da Família, tendo como uma das coordenadoras a acadêmica Lêda Maria Augusta Vieira de Faria.

SETEMBRO/2004

*17 - Sessão solene no auditório da OAB, em comemoração ao 11º aniversário da ACLCL e aos 214 anos de emancipação política do Município de Conselheiro Lafaiete. A conferência "Aspectos Filosóficos do Homem e do Mundo na Poética de Honório Armond". A palestra foi proferida pela acadêmica Zilda de Castro, membro das Academias Barbacense de Le-tras e Mantiqueira de Estudos Filosóficos - AMEF. Na ocasião, o escritor José Cimino, pre-sidente da AMEF, lançou seu livro "Infinito Instante". Houve declamações de poemas, finalizando com um coquetel e números musicais da tecladista Viena Von Áustria.

*18 - Sessão solene no Espaço Lafayette para entrega dos diplomas da Ordem "Construtores do Progresso" e abertura da 1ª Mostra Temática de Pintores Lafaietenses - Tema: Flores, com entrega de certificados aos artistas participantes, finalizando com coquetel e números musicais por Maria da Aparecida Souza Ganime, ao piano.

OUTUBRO/2004

*02 - A ACLCL foi destaque em programa da Rádio Carijós-AM, quando o seu presidente, Carlos Reinaldo de Souza, foi entrevistado pelo acadêmico Aluísio Santiago Júnior, discorrendo sobre a atuação da entidade, nestes 11 anos, em defesa da Cultura

*17 - A Academia de Ciências e Letras do Colégio Nossa Senhora de Nazaré (ACLCLN), comemorou seu 1º aniversário, com chá cul-

tural, com a presença de vários acadêmicos. A ACLCL saudou os acadêmicos-mirins e participou das diversas atividades culturais ali desenvolvidas.

*19 - Empossada na cadeira 21 da Academia Mineira de Letras a escritora e Membro Emérito da ACLCL, Elizabeth Rennó. A ACLCL se fez representar por diversos acadêmicos e membros eméritos residentes em BH.

*31 - Publicação da edição especial do jornal "Caravelas", órgão informativo da ACLCL, destacando os 10 anos de intensa atividade cultural desta entidade.

NOVEMBRO/2004

*13 - A acadêmica Avelina Maria Noronha de Almeida, Presidente Emérita da ACLCL e Madrinha dos Poetas Queluzianos e Lafaietenses, completou 70 anos de vida, inteiramente dedicada à família e à Cultura. A efeméride foi comemorada na Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", num belíssimo con-gra-çamento. Ela recebeu diversas demonstrações de carinho e de amizade dos acadêmicos, familiares e convidados, finalizando com um delicioso chá, oferecido por sua família.

*23 - A Academia Mineira de Medicina concedeu ao presidente da ACLCL, Carlos Reinaldo de Souza, a láurea de Membro Correspondente, por indicação do acadêmico Gilberto Madeira Peixoto, Membro Correspondente da ACLCL em BH.

*27 - Sessão artístico-cultural da ACLCL, na Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", com apresentação dos médicos e músicos, Alvaír Sampaio Machado (viola), Luiz Ricardo Albanese (violão) e Ivan Curty (ritmista). Nessa sessão esteve presente o futuro Secretário Municipal da Cultura e Turismo, escritor e produtor teatral, Geraldo Lafayette, membros de sua equipe, diversos acadêmicos e convidados.

NECROLÓGIO

Faleceram os Acadêmicos Dom Geraldo Majela Reis, Gilberto Victorino de Souza, Benedicto Adami de Carvalho, Ilmar Penna Linhares e Leontino de Melo Chaves.

No próximo número, o "Caravelas" publicará uma resenha relativa aos ilustres Companheiros, realçando suas atividades e o brilho de suas inteligências.



RETROSPECTIVA 2004



A artista plástica lafaietense, Maria Célia de Souza Andrade, recebe o diploma de Membro Correspondente da ACLCL na França. Ela reside em Paris há 25 anos.



A escritora e acadêmica Elizabeth Rennó, da Academia Mineira de Letras, entrega o diploma de Membro Emérito ao escritor e acadêmico José Bento Teixeira de Salles, em nome da ACLCL.

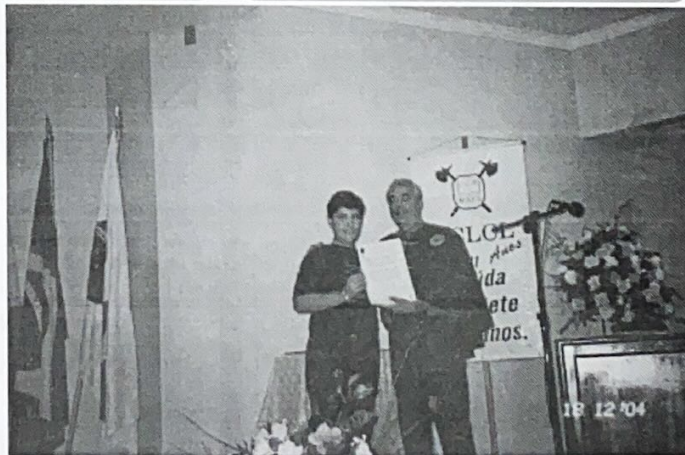


O Membro Emérito Carlos de Matos Ferreira Chaves, entrega o prêmio do Concurso Literário ao acadêmico Ilmar Pena Linhares, recentemente falecido.

Construtores do Progresso / 2005 Ciências Exatas



DR. JOSÉ CÂNDIDO BARBOSA (in memoriam)



O Presidente de UBT - Lafaiete, acadêmico Elias de Lima, entrega o prêmio ao aluno vencedor dos V Jogos Florais, com o tema "Nazaré"



RETROSPECTIVA 2004



O Presidente do Conselho Superior, Acadêmico Alex Assis Milagre, entrega o diploma de Membro Emérito ao empresário Fernando Emílio Pereira



O Presidente da Academia Mineira de Medicina, professor Ernesto Lenz de Carvalho, entrega o diploma de Membro Emérito ao escritor Carlos Herculano Lopes, em nome da ACLCL

ACLCL comemora centenário de Monsenhor Moreira

Para comemorar o centenário de nascimento de Monsenhor José Sebastião Moreira, patrono da cadeira nº 17, foi celebrada uma Santa Missa em sufrágio de sua alma, no dia 20 de janeiro de 2005, a pedido da ACLCL. O ato religioso aconteceu na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde o sacerdote trabalhou por quatro décadas, presidido pelo padre Joseph Arnould, com a participação de acadêmicos e ex-paroquianos. Ao final da celebração, o acadêmico Alex Milagre fez um breve pronunciamento enaltecendo as virtudes e valores do patrono de sua cadeira.

Monsenhor José Sebastião Moreira nasceu a 20 de janeiro de 1905, em Alto Rio Doce (MG), filho de Manoel Moreira Conegundes e de Idalina Moreira dos Reis. Cursou as primeiras letras com o professor Leandro Werneck, em Cipotânea, ingressando no Seminário de Mariana em 28 de novembro de 1917. Ordenou-se padre em sua terra natal, a 22 de dezembro de 1922, pelo conde dom Helvécio Gomes de Oliveira. Trabalhou como vigário cooperador do padre José de Oliveira Barreto, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Queluz de Minas, em 1929. No ano seguinte, assumiu o então curato de São Sebastião do bairro de Lafayette, onde levou a efeito a construção da nova igreja e casa para o cura, além de

organizar a administração do curato e zelar pela formação e orientação espiritual de seus aplicados.

Após a Revolução de 1930, foi nomeado membro do Conselho Consultivo da prefeitura, durante a gestão do Dr. José Bawden Teixeira. Nesse mesmo ano, assumiu o cargo de Provedor do Hospital de Queluz. No 2º Congresso Eucarístico Nacional, em Belo Horizonte, em 1936, foi convidado a apresentar uma tese, na terceira sessão de sacerdotes, sobre o tema: "Eucaristia, Ação Católica e união entre os fiéis e o clero", discursando eloquentemente sobre o tema proposto. Fez parte da comissão que levou a bandeira do Brasil, ofertada ao santuário de Nossa Senhora de Luján, na Argentina, em 1934, ao ensejo do 34º Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires. Trabalhou como Consultor Jurídico, junto ao Conselho Plenário Brasileiro, no Rio de Janeiro, ocorrido em 1939.

Por provisão de 31 de janeiro de 1940, foi nomeado vigário de Nossa Senhora da Conceição, tomando posse a 23 de junho seguinte. Nesta paróquia, Padre Moreira fundou, em 1945, a Biblioteca Popular da Cultura "Sedes Sapientiae" e o Clube Infantil de Leitura, realizando, de 4 a 8 de setembro de 1946, a 1ª Semana do Livro. Recebeu o título de Cônego Honorário do Cabido Metropolitano de Mariana, no dia 15 de

agosto de 1949. Pela portaria de 18 de março de 1950, dom Helvécio nomeou-o examinador canônico para religiosas. No Ano Santo de 1950, empreendeu uma peregrinação à Roma e à Terra Santa. Na Cidade Eterna, foi recebido em audiência particular, no dia 22 de maio, pelo Santo Padre o Papa Pio XII.

Em 1953, foi nomeado, pelo prefeito Telésphoro Cândido de Rezende, diretor da Escola Técnica de Comércio de Conselheiro Lafaete e Colégio Monsenhor Horta, onde, também, lecionou filosofia. Foi recebido pela irmandade de Santo Antônio de Queluz, como Irmão Honorário, a 13 de junho de 1957. Em 1960, tornou-se assistente eclesial da Rádio Carijós. Pelo decreto nº 5/64, de 15 de julho de 1964, o prefeito Dr. Orlando Baêta Costa, outorgou-lhe o título de Cidadão Honorário de Conselheiro Lafaete.

Criada a Fundação Municipal de Ensino Superior de Conselheiro Lafaete, Cônego Moreira participou do Conselho Curador como um de seus membros fundadores sendo, na reunião de posse, de 3 de março de 1973, eleito presidente. Participou da comissão que levou, em 1974, a imagem fac-símile da padroeira do Brasil à Vila Viçosa, em Portugal, berço da dinastia de Bragança. Por ocasião do 2º Congresso Arquidiocesano do Apostolado da Oração, realizado em Lafaete, em 1976, presidiu todas as cerimônias, com jurisdição do arcebispo de Mariana. Por Decreto Pontifício, de 22 de abril de 1978,

foi elevado à dignidade de Monsenhor, Camareiro Secreto do Santo Padre o Papa.

Como escritor, Monsenhor Moreira publicou diversos artigos nos jornais da cidade, sempre abordando temas atuais, fluindo sua preciosa cultura humanista. Publicou os livros "Poemas de Fé" (1959), "Fatos e Vultos" (1982) e "Alocações Acadêmicas" (1979 e 1980). Em 8 de julho de 1979, foi empossado como membro correspondente da Academia Barbacense de Letras e, a 25 de maio de 1980, na Academia de Letras de São João del Rei. Orador sacro de grande eloquência, seus sermões, pode-se dizer, marcaram época na história religiosa da cidade. Seu paróquiano foi assaz profluo. Promoveu vários congressos paroquiais, destacando-se o Congresso Mariano, em 1954, e as festividades da Coroação Pontifícia, em 1963.

Faleceu a 24 de dezembro de 1985, assistido por parentes, amigos e pelo monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho, que administrou-lhe os últimos sacramentos e foi sepultado na capela de Nossa Senhora do Carmo, no Cemitério Paroquial. Em 22 de dezembro de 1988, seus restos mortais foram trasladados para o interior da Matriz, onde repousam na capela de Nossa Senhora do Rosário.



Movimento Literário

Carabelas - Módulo IX



"Se os ventos faltarem,
como em algumas
embarcações antigas,
os remos cortarão as
águas..."

**CORRIAM OS TERRÍVEIS
TEMPOS DA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL.** Grande parte da huma-
nidade via-se coberta pelas sombras da
tirania, sofrendo ameaças terríveis ou
vivendo uma realidade onde o sofrimen-
to, a tortura, a morte eram presença
constante. Indigência de valores morais,
de liberdade e de dignidade.

De repente, no dia 5 de junho
de 1944, versos da *Canção de Outono*,
de Paul Verlaine, foram lançados aos ares
pela BBC de Londres. Mais uma vez,
mais outra... Eram as insistentes
repetições des-ses versos que puseram
em alerta os aliados:

"Os longos gemidos
Dos violinos
Do outono
Feram meu coração
Com monótona
Languidez."

Os versos-melancólicos, doridos
traziam um raio de esperança, a
mensagem alentadora de que algo muito
importante ia acontecer; eram a esperada
senha que anunciava estar iminente o
desembarque, na Normandia, das forças
aliadas, o início de uma trajetória heróica
para restaurar a liberdade e a dignidade
humana dos países invadidos pelo
Nazismo. Tal fato aconteceu, realmente,
no dia seguinte, 6 de junho.

Por que teriam escolhido versos para
aquela mensagem?

Porque a Poesia alimenta o coração de
Esperança. A poesia toca profundamente
o coração. Ainda mais se enriquecida
pela arte musical, transformada uma
canção inspirada e revestida da mais bela
emoção.

O MÓDULO CARAVELAS
apre-senta, neste número, uma sugestiva
poesia musicada, a **CANÇÃO DO EX-
PEDICIONÁRIO**, cuja letra é analisada
litera-riamente por uma pessoa que en-
frentou os rigores da guerra e era,
também, um grande conhecedor da Arte
Literária.

Sua publicação é uma
homenagem aos ex-combatentes
lafaietenses, de um modo especial ao EX-
COMBATENTE E MEMBRO
EFETIVO DA ACADEMIA DE
CIÊNCIAS E LETRAS DE
CONSELHEIRO LAFAYETTE,
VICTOR MENEZES DE FARIA, e ao
progenitor do Membro Emérito da
A.C.L.C.L. Adilson Augusto Batista,
JOÃO BATISTA PERDIGÃO.

A seguir, a letra da *Canção a ser
focalizada:*
CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO



I

*Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro do engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais,
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Dos pampas, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios,
Da minha terra natal.*

ESTRIBILHO

*Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A razão do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.*

II

*Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria,
Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
O minha terra querido
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!*

III

*Você sabe de onde eu venho?
É de uma terra que eu tenho
No bojo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito*

*De um enorme coração.
Deixe lá atrás meu terreiro,
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá,
Minha casa pequenina,
Lá no alto da colina
Onde canta o sabiá.*

IV

*Venho do além desse monte
Que ainda azula o horizonte
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas,
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal-da-cruz!*

O autor do estudo que vamos
apresentar, FRANCISCO DOS REIS
ALVES, era ex-combatente da F.E.B. e foi
professor titular da cadeira de POR-
TUGUÊS no Colégio Estadual "Narciso de
Queirós". Foi publicado no antigo JORNAL
PANORAMA, editado pelo saudoso
primeiro presidente da A.C.L.C.L. ALBER-
TO LIBÂNIO RODRIGUES, um órgão
informativo e literário de um valor ines-
timável, contendo matérias importantíssi-
mas como a que vamos apresentar, nos se-
guintes números: 110, de 20 a 27/07/80, p.
6; 111, de 27/07/80 a 03/08/80, p.7; 113, de
10 a 17/80, p. 9 e 115, de 24 a 31/08/80,
p.11.

Avelina Maria Noronha de Almeida
Coordenadora do "Movimento
Caravelas e Organizadora dos Módulos
Rua Comendador Baeta Neves, 93 -
Centro - CEP: 36.400-000 - Cons.
Lafayette-MG. TEL: (031) 3763-1582
EMAIL: claudia.noronha@uol.com.br

ANÁLISE LITERÁRIA DA CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Francisco Reis Alves

I. OS AUTORES II. IDENTIFICAÇÃO DO TEXTO

O autor da música da *Canção do
Expedicionário* é Spártaco Rossi e a letra é
de Guilherme de Almeida.

Como a análise literária apenas
impor-ta a composição em verso, e,
logicamente, a pessoa do poeta, diremos que
se trata de Guilherme de Andrade e
Almeida, advogado, escritor, jornalista e um

dos nomes da Poesia Nacional. Acurado
cultor das musas, Guilherme de Almeida
nasceu em Campinas, São Paulo, a 24 de
julho de 1890. Numa entrevista que
concedeu a O CRUZEIRO, afirmou que
nasceu com 13 anos, perfeitamente lúcido
e já podendo ler e escrever. Nessa idade,
contraíu tifo e febre amarela, vítima de um
mal epidêmico que assolava todo o território
brasileiro e escapou a uma inevitável morte
em face da assistência de familiares e
amigos que o transferiram para Porto
Alegre, cujo clima de notória salubridade
em muito concorreu para o seu
reestabelecimento.

Antes de contrair o *morbus*, ele era
aluno de um colégio de Jesuítas, na cidade
natal. Com os mesmos 13 anos, escrevera o
mesmo poema, nas caladas da noite, a fim
de escapar a olhos pouco discretos e,
acabando de polir o primeiro verso, foi
apanhado com a boca na botija por um dos
padres regentes do estabelecimento e,
conforme suas declarações, "sentiu-se como
uma virgem despida violentamente na
multidão".

Seu pai lhe ensinara latim e grego;
ade-mais, conhecia outros idiomas
importantes. Tomou parte no Movimento
Modernista de 1922, com os poemas de
renovação RAÇA e MEU: e eram de
sobressair o intimismo, o penumbismo e o
im-pressionismo de sua poesia, no dizer de
Ro-drigo Otávio Filho e, se o tema da morte
era fre-qüente no seu escrever, com toda a
certeza resultava dos dias perigo-sos por que
passou na sua adolescência. No dia
11 de julho de 1969, Guilherme de Almeida
fechou os olhos, na capital paulista; no dia
seguinte, uma incontinida massa popular, a
cuja frente avultavam intelectuais da
têmpera de Menotti del Picchia, Cassiano
Ricardo, Ribeiro Neto, Ibraim Nobre, Maria
de Lourdes Teixeira, sem excluir o gover-
nador Abreu Sodré, o poeta sem similar foi
sepultado no monumento-mausoléu do
parque do Ibirapuera, por decreto específico
do governo estadual. E, na cripta, uma frase
sua: "Esta é a trincheira que não se rende!"

Titular da cadeira nº 15 da Aca-
demia Brasileira de Letras e, desde 1960,
príncipe dos nossos poetas, exerceu ainda
as funções de crítico de cine-ma, tradutor,
colunista social; escrevendo à moda
parnasiana, com um virtuosismo que
pedise meças à mais cuidada sensibilidade
artística e estética deu-nos exemplos
copiosos de simbolismo e neo-modernismo,
em que se tornou professor e mestre.

Compõe Guilherme de Almeida a



letra da CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO no ano de 1944, ao ensejo da partida de nossos pracinhas para o teatro de operações da Itália; é, na verdade, uma obra prima, em cuja confecção ele exauriu todos os veios de sua inteligência e sob a inspiração de uma musa que não é humana, mas divina. Tão capitosos os seus versos, tão pungentes e revestidos da nota amarga da saudade de quem parte e não sabe se voltará, que os oficiais e praças da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, cantando-os, não podiam conter as lágrimas. E inclinamo-nos a crer que foi, diante dessa emergência, que o Estado Maior de Nossas Forças Armadas, sem menosprezo da obra do Príncipe, houve por bem substituir a Canção do Expedicionário de De Spártaco e Guilherme pela Canção do Expedicionário de Luís Peixoto e Alda Caminha, através de aviso nº 530, publicado no Diário Oficial de 2 de março de 1945, embora o ritmo e os versos fossem sumamente inferiores à composição que vamos analisar mais de espaço.

Guilherme de Almeida é autor de uma obra lapidar: NÓS, MESSIAS, A DANÇA DAS HORAS, A FALUTA QUE EU PERDI, HORAS DE SÓROR DOLOROSA, ERA UMA VEZ, ENCANTAMENTO, SIMPLICIDADE. Combateu na Revolução Constitucionalista de 1932 e imaginou uma oração imortal, quando o mundo livre antecipava a Winston Churchill as suas homenagens pela vitória que ainda não se consolidara (1940), e, não fora o peso dos anos, teria o poeta lutado com a mesma bravura nossa nos gelados Apeninos; a letra da canção é consequência desse nobre desejo contrariado.

A letra da Canção é autêntica: Francisco Alves, o saudoso Rei da Voz., gravou-a em um disco Odeon, nº 1250-A. Na atualidade, com o profígio do microssulco, Inesita Barroso, no L.P. A MOÇA E A BANDA, Copacabana, CLP. 11 319, em colaboração com a Banda da Força

Pública do Estado de São Paulo, empresta à canção a sua merecida beleza; muitos compêndios escolares a registraram e é a melodia com que, nos dias festivos, desfilam pelas ruas os heróis de Montese, Monte Castelo, com os demais integrantes da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção de Belo Horizonte, a que orgulhosamente pertencemos, como sócios efetivos, matrícula nº 1 621.

III – CLASSIFICAÇÃO DO TEXTO

IV – COMPREENSÃO DO TEXTO

Entremostra uma leitura atenta da Canção que o poeta se deixou motivar pela intenção espartana de comunicar àqueles que partiam, para o cenário do conflito, a fé inquebrantável na vitória final. Fê-lo através de uma paisagem da pátria distante

(MOTIVOS SECUNDÁRIOS), imagem que persistiria na retina dos nossos soldados, conduzindo-os a triunfos épicos. Eram homens que adivinham dos mais longínquos rincões, da Amazônia ao arroio Chuí, arrastados a uma guerra cruel, imposta por um inimigo despiadoso e inteligente: Guilherme de Almeida, naquele MOTIVO CENTRAL, colocou a serviço das Tropas Expedicionárias Nacionais as raras (Esclarecimento da redação: “raras” não está no sentido de “poucas”, mas de “pouco freqüente”) luzes de seu talento de artista.

A forma de expressão é o VERSO; a natureza do trabalho, a CANÇÃO; o gênero literário é o ÉPICO e o estilo da época, o ROMANTISMO.

V. ESTRUTURA DO TEXTO

1. RESUMO DO ASSUNTO, DETERMINAÇÃO DO TEMA E DA EQUAÇÃO SIMBÓLICA

Batendo ardentemente nas suas veias, o sangue do patriotismo, entre saudoso do Brasil e sequioso do Triunfo, o soldado brasileiro volta-se para os seus aliados na causa comum e auto-apresenta-se: ele procede do morro, seus companheiros, do engenho, da selva, do cafezal, da boa

terra do coco, da choupana onde um é pouco, dois é bom, três é demais; das praias, das alterosas, dos pampas, do seringal, das crespas margens dos rios, dos verdes mares bravios, do próprio solo natal.

Que Deus permita que tornem todos ao aconchego do lar, depois da vitória, cujo V é a saudação de cada dia; é a água de cada cantil; é a asa de cada ideal; é a glória do seu Brasil.

Eles vêm, pois, dos mais amados recantos: da casa branca da serra, do luar do sertão, da Maria, cujo nome principia na palma de cada mão; do berço de Moema e de Iracema, com seus lábios de mel que convidam ao beijo; da terra de N. S. Aparecida e do Senhor do Bonfim. De uma Pátria que, no bojo de um violão, tomou a forma de um coração e de um altar; de um terreiro, de um limão, de um limoeiro, de um pé de jacarandá e de uma casa pequenina, no alto de uma colina, onde canta o sabiá.

Vêm de um monte infinito, que ainda azula no horizonte, onde nasceu um grande amor; de um rancho que tinha ao lado um coqueiro que, coitado, de saudades já morreu. Vêm, afinal, de um verde-amarelo, de um azul extremado, tão cheio de luz e de estrelas que estas se ajoelham, deslumbradas, fazendo o sinal-da-cruz.

Este, o resumo do assunto.

De onde o tema: UM PUGILO DE BRAVOS.

E a equação simbólica: (SÍMBOLO EXPEDICIONÁRIO BRASILEIRO = HERÓI)

2. DETERMINAÇÃO DA TÉCNICA

Compõe-se o poema de Guilherme de Almeida de sessenta versos: quatro estrofes de doze e um estribilho também de doze. O verso escolhido é a redondilha maior, por sinal, aquele que figura na Canção do Exílio de Gonçalves Dias, construído com inigualável beleza.

Uma leitura rítmica serve de pôr à prova o lirismo do grande cultor das musas, que queixa de existir momentos antes de a Apolo XI subir ao espaço sideral e deixar o homem na

Lua, realizando o maior feito da história do espécime humano. Gonçalves Dias, - di-lo Joaquim Ribeiro, Estética da Língua Portuguesa, à página 260, - escreveu a Canção de um jato, sem preocupação de estilo ou de forma, numa reação emotiva e feita de uma saudade que seu coração experimentava, assim que é o mais sincero texto de sua poesia. Guilherme de Almeida compôs os seus heptassílabos alimentando, com certeza, a mesma despreocupação e com uma sinceridade que ombréia com a de seu colega.

Possível é que alguém pretenda insinuar que à CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO falte uma alusão ao símbolo de F.E.B.: UMA COBRA FUMANDO. Antes que tudo, esse logotipo febianos, na explicação do marechal Cordeiro de Farias, único dos comandantes vivos de nossas divisões na Itália, prende-se à quinta-coluna que, à época, assolava a Nação; seus prepostos costumavam dizer; “é mais fácil a COBRA FUMAR do que um brasileiro seguir para o front”. Contudo, os nossos pracinhas desembarcaram em solo italiano, enfrentaram de igual para igual a tropa facista e colheram os louros na batalha pela igualdade dos direitos humanos; assim, a COBRA FUMOU. Parece que a letra de Guilherme de Almeida é anterior a esse fato folclórico e isso justifica a não referência àquela expressão no contexto de sua obra.

“Você sabe de onde eu venho? Venho do morro do engenho” (ANADIPOSE). Sempre que o poeta se antecipa às refutações de um possível antagonista, esmerando-se em destruí-las convincentemente, tem lugar a PROLEPSE, na maravilhosa canção, a HIPOTIPOSE e a ENARGIA com que se descrevem, ao vivo, os esplendores, os encantos, os signos da Pátria distante: “Venho do morro” (das favelas da Cidade Maravilhosa), “do engenho” (das canas-de-açúcar de



Pernambuco), “das selvas” (do Mato Grosso), “dos cafezais” (de São Paulo), “da boa terra do coco” (da Bahia), “do pampa” (do Rio Grande do Sul), “do seringa” (da Amazônia), “das margens crespas dos rios” (do Planalto Central). É exuberante a gradação dos termos (CLÍMAX): a razão do meu bernal, a água do meu cantil, as asas do meu ideal, A GLÓRIA DO MEU BRASIL!”. “Minha casa pequenina, lá no alto da colina, ONDE CANTA O SABIÁ”, “cheio de estrelas prateadas, que se ajoelham deslumbradas, FAZENDO O SINAL-DA-CRUZ!”. “Ó minha terra querida, da Senhora Aparecida e do Senhor do Bonfim!” (APÓSTROFES)

Porque se predispôs a cantar a terra que ficou, Guilherme de Almeida pesquisa o relicário de nosso folclore:

“Da choupana onde um é pouco, dois é bom, três é demais” (de UMA CASA DE CABOCLLO), “luar do sertão” (de LUAR DO SERTÃO, de Catulo da Paixão Cearense), “de uma Maria, cujo nome principia na palma da minha mão” (do samba imortal MARIA, de Ary Barroso e Luís Peixoto). “Braços mornos de Moema” (alusão à personagem de Frei José de Santa Rita Durão, em Caramuru, cujos braços lânguidos desfaleceram, porque acompanhando, a nado, o barco que conduzia, até à França, aquele por quem era apaixonado, Diogo, em companhia da rival, Paraguaçu). “Lábios de mel de Iracema” (metáfora gustativa alencariana; Iracema, anagrama de América, idolatrada pelos seus traços de eugenia calipígia, constitui o congocramento do homem civilizado com o selvícola. Quem dirá que não é persuasiva essa EMBLEMÁTICA, visando a um fim humano: recompor o mundo conflituoso e convulsionado pelas hordas de Hitler?)

Da prosa poética de José de Alencar, extraem-se outros excertos da mesma pompa: “Venho daquele monte que ainda azula no horizonte”; “verdes mares bravios da minha terra natal”.

Palpita na canção o coração romântico de Gonçalves Dias: “Não

permita Deus que eu morra/sem que volte para lá!” E, analogamente: “onde canta o sabiá.”

Numa crise de sentimentalidade, evocava a padroeira do Brasil e o Senhor do Bonfim. Num crescendo de entusiasmo, faz que os soldados ergam o famoso V da Vitória, símbolo de Churchill, o homem do século, que lutou, a sós, e desesperadamente, contra o poderio nazista que deteve a França de 40.

O próprio Francisco Alves, com seu violão, está patente em “pátria que se contém no bojo do violão e tomou a forma de um coração”.

“*Meu limão, meu limoeiro/ meu pé de jacarandá*”; “*De um rancho que tinha ao lado/um coqueiro que, coitado/de saudades já morreu (TROVAS FOLCLÓRICAS)*, as últimas vêm de CASINHA PEQUENA de Harmon W. Ribeiro.

“*O verde mais belo, o mais dourado amarelo, o azul mais cheio de luz; cheio de estrelas prateadas, que se ajoelham deslumbradas, fazendo o sinal-da-cruz!*” (APOTEOSE FINAL): narração cantada do nosso Céu e da Nossa Bandeira, cujo círculo azul se pontua de tantas estrelas quantos são os estados e territórios da República Federativa do Brasil.

Essas estrelas formam as constelações que, na cidade do Rio de Janeiro, corresponderam ao aspecto de seu firmamento, precisamente às oito horas e trinta minutos do dia 15 de novembro de 1889, supondo-se consideradas por um observador situado fora da esfera celeste.

“*Que se ajoelham deslumbradas, fazendo o sinal-da-cruz!*” (referência à constelação do Cruzeiro do Sul, emblema da Pátria Estremecida.

O emprego da vogal A, no estribilho, realça a promessa do triunfo consagrador. E o dos sons nasais reitera a certeza da saudade, “a falta daquilo que não ficou: “venho, engenho, choupana, pampa, margem, sertão, limão, mão, Moema, Iracema, Senhora, Senhor do Bonfim, tenho,

violão, coração, monte, horizonte, rancho, ajoelha, fazendo”.

O poema é direto, o processo, lírico. De modo algum se percebe a intenção do preciosismo e da rima rara, ainda que os versos obedeçam à volúpia parnasiana. A procura da rima preciosa mareia a naturalidade da composição. Os textos são concebidos no presente histórico: é o tempo que mantém fixas a atenção e a lembrança. Sob outra interpretação, a aliteração, a insistência na citação dos encantos do Brasil, o desejo nunca demais renovado de incutir, na alma dos combatentes da F.E.B., o amor da causa em comum e a necessidade de extirpar da face da terra o cancro devorador do nazismo do IIIº Reich, – ainda quando a nostalgia plante raízes e cruces no espírito de cada soldado, – são magníficos, produtores, consagradores (ETOPEIA VIVA).

Hajam vista os versos agudos em I e graves em O que colaboram para que Guilherme de Almeida colime o seu intento.

VI – CONCLUSÃO

Guilherme de Almeida se nos EXERCÍCIO DE INTERTEXTUALIDADE Mais alguns exercícios elaborados pelo professor de Literatura MARCO ANTÔNIO.

TEXTO 1 PROFISSÃO DE FÉ

Olavo Bilac

(...)

*Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.
Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.
Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.
Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla
roupagem
Azul-celeste.
Torce, aprimora, alteia, lima*

*A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasga a rima,
Como um rubim.
Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.
E horas sem conta passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar longe de tudo
O pensamento.
Porque o escrever – tanta pericia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena.
Serena Forma!*

(.....)

GLOSSÁRIO DO POEMA “PROFISSÃO DE FÉ”

Carrara – cidade italiana famosa pela qualidade do mármore branco que produz.
Ônix – Variedade de ágata muito fina, bem transparente.
Cinzel – Instrumento de aço, cortante em uma das extremidades, usado principalmente por escultores e gravadores.
Alteia – Tornar alto, elevado.
Lavor – Trabalho manual, labor.
Subtil – Sutil.
Becerril – Nome de um famoso artesão.

TEXTO 2

O POETA

Luiz Carlos Gomes Beato

*Um poeta faz versos que sua alma chora,
Ou faz versos, talvez, que o coração sorri...
Como a rama ferida que se descolora,
Onde sangra, se há sangue, e reina ali...*

*Os versos que o poeta distribui, a esmo,
Como vagem madura que liberta os grãos,
São carne da sua carne, partes de si*



mesmo,
Retalhos dos seus sonhos, frutos
das suas mãos...

Quer te cause repulsa ou quer te
cause enlevo,
Cada verso que faço ou soneto que
escrevo,
É um sonho de amor que de mim se
desmembra...

O poema é o que importa; de
alegria ou luto.
- Quem há de se lembrar da fronde
que deu fruto?
- Do poeta que os fez, quem será
que se lembra?

GLOSSÁRIO

Fronde – Ramagem de árvores.

TEXTO 3

ONDE MORA A POESIA

(À minha querida filha
Cibele Aurora)
Maria Luíza Bellavinha
(Naná Bellavinha)

Onde mora a poesia?
Nos nevoeiros
Frios, cinzentos...
Com seus lamentos...
No sopro envolvente
De ventos frios...
Em meio a dores e solidão?
Poder invisível que determina...

Escrever versos:
Fascinação!...
- Onde mora a poesia?
Na estrela cadente...
No coração solitário...
No sol, na lua...
No tempo, no ar,
Na manhã de primavera...
No amor qualquer?
No céu azul que extasia:
- No perfume de mulher!...

TEXTO 4

SONETO

Agostinho Evaristo Lana
Procurando esquecer-te, eu vivo
agora,
Sem que ainda me fosse concedido

O dom de dispersar o amor de
outrora,
Aquele amor tão grande e tão
florido...

A tua imagem, que minh'alma adora,
Num afeto santo, afeto não fingido,
Eu vejo-a sempre e meu coração
chora

O nosso amor, o nosso amor
querido...
E assim eu vou vivendo embevecido,
Ante cenários que se vão morrendo,
Por essa triste estrada onde hei
sofrido...

Mas não te odeio, a musa me
ofertaste:

- Pois os versos que agora estou
fazendo,
São lampejos do amor que tu
mataste...

GLOSSÁRIO

Embevecido – Enlevado, extasiado,
arrebataado.

TEXTO 5

AUTOPSILOGRAFIA Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente

A dor que deveras sente
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira a entreter a razão
Este comboio de corda
Que se chama o coração.

EXERCÍCIOS

1. Todas as seguintes afirmativas
relacionadas aos textos 1, 2 e 3 estão
corretas. **EXCETO**:

a) Para o eu-lírico do texto 1, há
uma preocupação com a forma do
poema no ato da escrita, portanto
escrever é um trabalho árduo e
difícil. Como o ourives lapida o
ouro, o poeta lapida o seu poema.

b) De acordo com o texto 3, escrever
uma poesia é um ato simplório.

c) De acordo com o texto 1, escrever é
um ato consciente. Não é somente
inspiração.

d) Com base no texto 3, podemos dizer
que a poesia se encontra em qualquer
lugar onde se possa senti-la.

e) Para o eu-lírico do texto 2, o poema
é parte do poeta, ou seja, nasce do
poeta. (Os versos que o poeta
distribui... são carne da sua carne...
retalhos dos seus sonhos, frutos das
suas mãos... Cada verso que faço ou
soneto que escrevo, é um sonho de
amor que de mim se desmembra...). No
entanto, ao se tornar público, o poeta
perde o controle de sua criação porque
o poema passa a ser de todos. A criação
poética se torna viva e independente
do seu criador. Afinal, o leitor também
criador no processo de produção de
sentidos, ele será um co-autor fazendo
“novas leituras” e relações
intertextuais. (O poema é o que
importa... Quem há de se lembrar da
fronde que deu fruto? Do poeta que os
fez, quem será que se lembra?)

2. Os três textos têm um caráter comum
predominante:

- a) denotativo
- b) onírico
- c) irônico

d) metalingüístico

e) satírico

3. Com relação aos textos 2, 4 e 5 é
possível afirmar, **EXCETO**:

a) **AUTOPSILOGRAFIA** (auto =
próprio, mesmo; psico = alma; grafia
= descrição), em outras palavras –
“fazer a descrição das próprias
emoções”. Para o eu-lírico do texto
5, a a criação poética é resultante da
encenação. A poesia nasce do poeta,
mas a emoção sugerida no texto
literário não foi necessariamente um
sentimento do autor. A poesia é
representação. Além, disso, o autor
pode ler seu produto final, em
momentos distintos da sua vida, e
sentir diferentes emoções. E ainda, o
leitor, ao ler o poema, pode sentir
emoções ainda diferentes das do
autor e de outras pessoas que também
possam ler o mesmo poema. o do
texto 4 (Os versos que agora estou
fazendo são lampejos do amor que
tu mataste) pode ser um exemplo para
justificar os versos do texto 2 (Os
versos que o poeta distribui... são
retalhos dos seus sonhos, frutos das
suas mãos...)

e) O eu-lírico do texto 4 fala de sua
desilusão amorosa. Esta não faz parte
de uma realidade empírica, mas de
uma realidade virtual. Podemos
considerar como um exemplo da
encenação poética que aparece no
texto 5.

AOS LEITORES

Por falta de es-
paço, deixa-
ram de circular, neste
número, as seções “Es-
creve o Leitor”, “Bate-
papo Acadêmico” e
“Notícias da Biblioteca
Bernardo Guimarães”.



NOTÍCIAS DA ACLCL

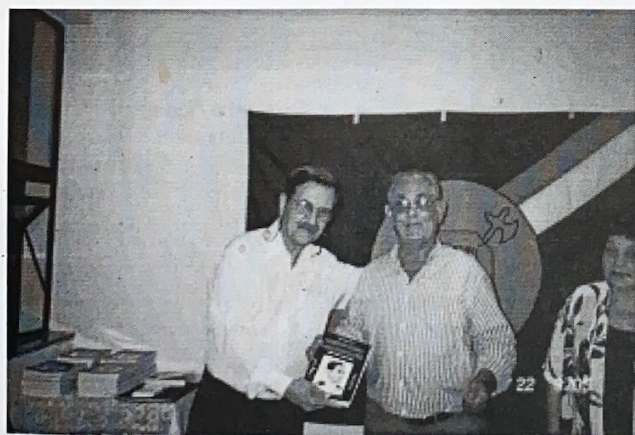


O presidente da ACLCL (primeiro à esquerda) visitou o Monumento à Tiradentes, no Sítio da Varginha, e constatou que o local precisa ser revitalizado e protegido com urgência



O atual Secretário Municipal da Cultura e Turismo, Geraldo Lafayette, foi recebido em sessão especial da ACLCL, reafirmando a futura parceria entre as duas entidades

O Acadêmico e Ministro do TCU, dr. João Nogueira de Rezende lançou seus livros, "Memórias" e "Genealogia das Famílias Nogueira e Rezende", em sessão solene na OAB



O presidente da ACLCL recebe um exemplar do livro "O Menino de Pirangy e o Comandante Grapiúna", de autoria do escritor José Silva Gazar, lançado na sede da OAB, com apoio da Academia



A Academia participou das comemorações do Centenário do Rotary Clube, ocasião em que a Acadêmica Marina Biagioni Marques recebeu o Diploma de "Honra ao Mérito"



Construtores do Progresso - Versão 2004

Poder Executivo



EX -PREFEITO CAMILO PRATES SANTOS JÚNIOR

Poder Legislativo



DEP. FRANCISCO RODRIGUES PEREIRA
(in memoriam)

Poder Judiciário



JUIZ FELIPE IMEZZI

Cultura



PROFESSORAS MARIA APARECIDA S.
GANIME E NICE BERTOLACCINI BAËTA

Educação



PROFESSORA TEREZINHA M. BARBOSA DE ASSIS

Indústria e Comércio



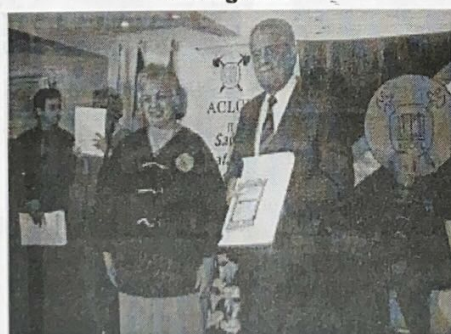
EMPRESÁRIO ITAMAR REIS BARBOSA

Comunicação Social



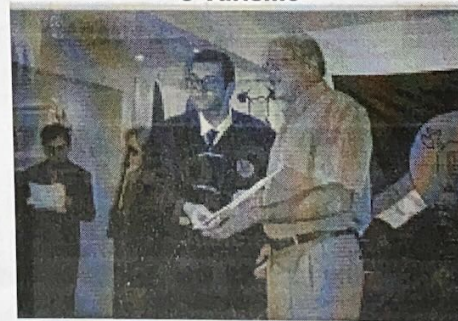
REPÓRTER REGINA DA SILVA COSTA

Ciências Biológicas



PROFESSOR ÊNNIO LEÃO

Esporte, Lazer e Turismo



CIRCUITO VILLAS E FAZENDAS DE MINAS



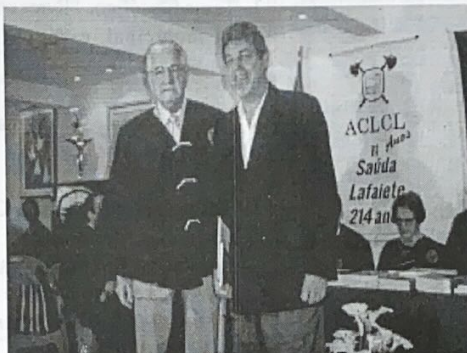
Construtores do Progresso - 2004

(continuação)

Ciências Sociais

SENHORA MARIA ÂNGELA BEDRAN PEIXOTO, EX-PRESIDENTE DO ABRIGO TEMPORÁRIO LAR DE MARIA

* A homenageada não compareceu por motivo de doença, sendo o diploma entregue em sua residência pela Acadêmica Leila Maria Barbosa, que fez a indicação de seu nome



ENGENHEIRO ELÁDIO JOSÉ LOPES

Homenagem Especial



EMPRESÁRIO GERALDO DE ASSIS ZEBRAL



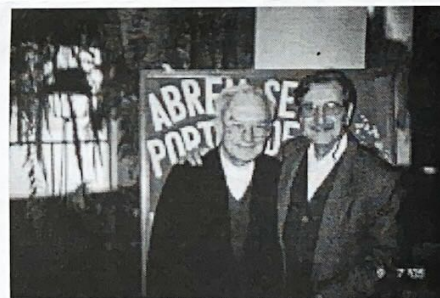
NOTÍCIAS DA ACLCL



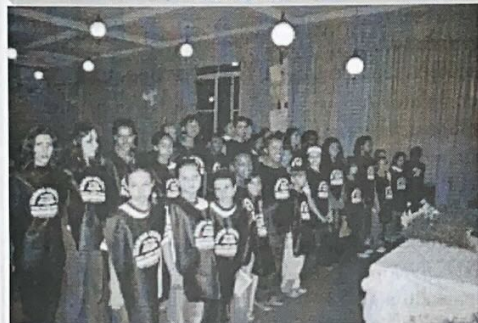
O PREFEITO DR. JÚLIO CÉSAR DE ALMEIDA BARROS FOI RECEBIDO EM REUNIÃO CONJUNTA DO CONSELHO SUPERIOR E DA DIRETORIA EXECUTIVA DA ACLCL



A ASSOCIAÇÃO "ARAUTOS DO EVANGELHO" PARTICIPA DE EVENTOS CULTURAIS DA ACADEMIA E SEMPRE SE APRESENTA COM BRILHANTISMO



O PRESIDENTE DA ACLCL ENTREGA A DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA A ANTOLOGIA "LAFAIETE EM PROSA E VERSO" - VOLUME X



A ACADEMIA LITERÁRIA MIRIM DA ESCOLA MARIA AUGUSTA NORONHA - ALMAN LANÇOU O III VOLUME DA ANTOLOGIA "ESCREVENDO COM O CORAÇÃO"



ACLCL PARTICIPA DA SOLENIDADE COMEMORATIVA DO DIA DA VITÓRIA, NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES



O ESCRITOR JOSÉ SILVA GAZAR VISITA A SEDE DA ACLCL, AO LADO DA DIRETORA FINANCEIRA E DO PRESIDENTE DA UBT - LAFAIETE



Concurso Literário Internacional Cidade de Conselheiro Lafaiete/2005

Estão abertas até 1º de novembro, as inscrições para o **Concurso Literário Internacional "Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete"**, para o ano 2005, prevalecendo a maioria dos critérios do ano anterior. É o que deliberou a diretoria da ACLCL, ratificando a substituição dos troféus por medalhas e diplomas. A pontuação dos trabalhos pela comissão julgadora foi mantida (10 a 100), evitando o grande número de empates que ocorria. O concurso é de âmbito internacional e contempla também os concorrentes de todos os países de Língua Portuguesa. O concurso, em 2005, reger-se-á pelas cláusulas e condições seguintes:

Primeira - As inscrições têm início em 1º de janeiro, com término em 1º de novembro de 2005 e poderão ser feitas na Casa de Cultura Gabriella Mendonça, na Rua Comendador Baêta Neves, 68, ou pelos Correios. O CEP é 36400-000.

Segunda - Poderão participar deste concurso os membros da ACLCL que estejam em dia com suas obrigações sociais, bem como poetas e escritores de qualquer parte do Brasil e dos países de Língua Portuguesa, com até 3 (três) trabalhos em cada categoria:

§ **Único** - Os membros da ACLCL deverão anexar ao envelope contendo a ficha de identificação, xerox do comprovante de pagamento do trimestre referente ao mês da inscrição.

Terceira - Serão quatro as categorias de trabalho concorrentes: romance (com o mínimo de 48 laudas formato A-4, em corpo 12); conto; crônica e poema, os três últimos sem espaço determinado.

Quarta - Todos os classificados nas quatro categorias, até o quinto lugar,

receberão diplomas de participação; os classificados até o terceiro lugar, em cada categoria, farão jus também a medalhas. Haverá, ainda, o prêmio especial para os trabalhos em prosa e verso (até o terceiro lugar), que se referirem a Queluz ou Conselheiro Lafaiete.

Quinta - A solenidade de entrega dos prêmios será feita no mês de dezembro de 2005, em sessões solenes, em Conselheiro Lafaiete e Belo Horizonte. Os trabalhos classificados até o terceiro lugar nas categorias poema e crônica serão divulgados na Antologia Lafaiete em Prosa e Verso Vol. XI, sem ônus para os autores.

Sexta - Os trabalhos deverão ser remetidos em três vias, datilografados ou digitados somente na frente. Para tanto, deverá ser utilizado um envelope maior, tendo como destinatário o **Concurso Literário Internacional Cidade de Conselheiro Lafaiete**. O verso do envelope será deixado em branco, sem qualquer identificação do remetente. Todas as três vias deverão conter, no alto da primeira folha, a categoria a que o trabalho concorre e o pseudônimo do autor (sem seu nome). Dentro deste envelope maior é que deverá vir um envelope menor, lacrado, contendo o pseudônimo do autor, seu nome, endereço, telefone, nome(s) do(s) trabalho(s) e categorias. Deverá ser utilizado o mesmo pseudônimo para todos os trabalhos e categorias.

Sétima - Prevalecerá a data do porte nos Correios para os trabalhos remetidos pela via postal.

Oitava - Os casos omissos serão resolvidos pela comissão organizadora do concurso e diretoria da ACLCL. Conselheiro Lafaiete, 27/10/ 2004
ACADEMIA DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CONSELHEIRO LAFAYETTE - ACLCL

REGULAMENTO DOS VI JOGOS FLORAIS DE CONSELHEIRO LAFAIETE - 2005/2006

1 - Tema filosófico: "livros e flores", nível municipal, e "ética", nível nacional.

2 - Inscrições: até 31 de março de 2006

3 - Informações: Casa de Cultura "Gabriella Mendonça", Rua Comendador Baêta Neves, 68 - Centro - Conselheiro Lafaiete - MG - CEP 36.400-000 - Telefones: (31) 3769-2600 e 3763-5000.

4 - Prêmios: -Medalhas maiores de ouro, prata e bronze, até o 3º lugar.

-Medalhas menores de ouro, prata e bronze do 4º ao 6º lugares.

-Diplomas, do 7º ao 10º lugares.

5 - Âmbito: Internacional, para países de língua portuguesa.

6 - Condições específicas:

6.1 - As trovas podem ser isoladas ou encadeadas, até o máximo de 5 (cinco) por concorrente.

6.2 - O envelope menor e lacrado deverá conter em seu interior, apenas o pseudônimo do(a) autor(a), seguido da sua identificação, ou seja, seu nome e endereço completo. A parte externa deste envelope deverá conter apenas o pseudônimo do(a) autor(a), que deverá ser o único participante.

6.3 - O envelope maior deverá conter, em seu interior, este envelope menor e a(s) folha(s) contendo a(s) trova(s), em 5 (cinco) vias, identificadas apenas pelo pseudônimo. A parte externa deste

envelope deverá conter apenas o endereçamento, na frente, e o nome do remetente, no verso.

6.4 - Os trabalhos podem ser entregues na Casa de Cultura, das 12 às 18 horas, ou remetidos, via postal, sendo válida a data da postagem para observância do prazo final de inscrição.

6.5 - A Comissão Julgadora será composta de 3 (três) trovadores, membros efetivos da UBT - Seção de Belo Horizonte, que não poderão concorrer a estes Jogos Florais.

6.6 - Serão conferidos de 10 (dez) a 100 (cem) pontos para cada trova isolada ou trovas encadeadas até 5 (cinco), no máximo.

6.7 - Podem participar deste concurso os membros da ACLCL que estiverem em dia com suas contribuições sociais, devendo enviar, no envelope maior, o respectivo comprovante.

6.8 - A solenidade de entrega dos prêmios aos vencedores será no mês de abril de 2006, em horário e local que serão informados aos vencedores.

6.10 - Os trabalhos premiados serão publicados na Antologia "Lafaiete em Prosa e Verso" - Vol. XII, sem ônus para os(as) respectivos(as) autores(as), que receberão um exemplar.

6.11 - Os casos omissos serão decididos pela Comissão Organizadora, sob a coordenação do presidente da UBT - Seção Lafaiete.

*Conselheiro Lafaiete,
27 de outubro de 2004*



Balanco de 2004

Balancete de 2005

Saldo Banco Itau				241.97
Mensalidade Acadêmicos		883.80		
Despesas/CPMF			18.83	
5-Jan	Cheque 598609-Dist Doceas Silva		77.00	
6-Jan	Cheque 598611-Correltos		18.83	
7-Jan	Cheque 598610-Telem ar ref 12/03		49.99	
9-Jan	Cheque 598613-Cone Mineiro Com unicagão(diplomas)		98.00	
12-Jan	Cheque 598602-Desat CMBelagena nf 205122		72.00	
16-Jan	Cheque 598616-Correltos		23.00	
27-Jan	Cheque 598616-Sagrada Farinha nf 000844 (1ª parcela)		316.00	
27-Jan	Cheque 598608-Cone Mineiro Com unicagão (livros)		50.00	
28-Jan	Cheque 598605-OAB - Aluguel sala		100.00	
28-Jan	Cheque 528187-Sitio Pollyanna nf 000402(11m agem /foto)		200.00	
Mensalidade Acadêmicos		855.45		191.28
Despesas/CPMF			19.33	
3-Feb	Cheque 598620-Im posto Sindical - Funes		98.43	
5-Feb	Cheque 598615-Sagrada Farinha nf 000844(2ª parcela)		316.00	
17-Feb	Cheque 528187-Sitio Pollyanna nf 00403		100.00	
18-Feb	Cheque 528187-Telem ar ref 01/04		47.48	
19-Feb	Cheque 528189-Ana Flavia Encadernagões		81.00	
20-Feb	Cheque 528189-Center Foto Moderno nf 000895		23.40	
20-Feb	Cheque 528182-Universat Esportes nf 002216		80.40	
20-Feb	Cheque 528185-Tudinho Papelaria		88.00	
20-Feb	Cheque 528184-Jorge Calçados e Esportes		53.85	
20-Feb	Cheque 528188-Cartório Vianca (autenticagões)		24.00	
20-Feb	Cheque 528189-Copaul (xerox)		49.90	
26-Feb	Cheque 528181-Vale transporte (saatigãria)		33.00	
Mensalidade Acadêmicos		282.13		167.59
Fatura "Oportunidades"- Pref Munic Cone Lataleto		1000.00		
Despesas/CPMF			17.17	
2-Mar	Cheque 528191-Telem ar ref 02/04		57.00	
2-Mar	Cheque 598614-Sagrada Farinha nf 000844(3ª parcela)		316.00	
10-Mar	Cheque 528189-Universat Esportes nf 002216		57.81	
25-Mar	Cheque 528192-Center Foto Moderno nf 000934		27.51	984.43
Mensalidade Acadêmicos		548.99		
Despesas/CPMF			75.05	
5-Apr	Cheque 528197-Grãtica Edil Carlos Prates		115.00	
7-Apr	Cheque 528198-Telem ar ref 03/04		48.00	
22-Apr	Cheque 528200-Exp São Miguel(vale transp Lar de Maria)		48.00	
28-Apr	Cheque 528199-Grãtica Editora Carlos Prates (livros)		800.00	424.28
Mensalidade Acadêmicos		830.99		
Despesas/CPMF			16.24	
4-May	Cheque 528190-Focus (11m agem a fotografias)		270.00	
19-May	Cheque 528202-Telem ar ref 04/04		46.88	922.38
Mensalidade Acadêmicos		38.13		
Despesas/CPMF			40.73	
15-Jun	Cheque 528203-NFO08767 Flora Cevali Ltda(correa)		120.00	
32-Jun	Cheque 528204-Telem ar ref 05/04		61.07	736.88
Mensalidade Acadêmicos		900.63		
Mensalidade Acadêmicos		5000.00		
Subvenção da Prefeitura Munic Cone Lataleto			67.64	
Despesas/CPMF			46.88	
14-Jul	Cheque 528205-Telem ar ref 06/04		51.88	
14-Jul	Cheque 528208-Papelaria Cadernec		3380.00	3111.19
30-Jul	Cheque 528192-Grãtica Edil Carlos Prates nf 001936			
Mensalidade Acadêmicos		578.10		
Despesas/CPMF			181.76	
13-Aug	Cheque 528208-Casa das Artes (molduras)		41.00	
19-Aug	Cheque 528201-Focus-Fotos e identidade		22.00	
19-Aug	Cheque 528209-Telem ar ref 07/04		53.23	3411.30
Mensalidade Acadêmicos			39.28	
Despesas/CPMF			59.43	
8-Sep	Cheque 528210-Telem ar ref 08/04		87.00	
13-Sep	Cheque 528211-Copaul (xerox)		100.00	
23-Sep	Cheque 528218-OAB (aluguel auditório)		80.00	
23-Sep	Cheque 528213-Santa Grãtica (Performãnce Prof)		90.00	
24-Sep	Cheque 528212-Consãrcio M. Com unicagão(diplomas)		20.55	
24-Sep	Cheque 528215-Correltos e xerox		320.00	
27-Sep	Cheque 528219-Espaço Lafayette (coquetel)		53.00	
28-Sep	Cheque 528214-Prates Artistas e Transp Instrumento		1005.00	1881.76
30-Sep	Cheque 528218-Gula Buffet (coquetel)			
Mensalidade Acadêmicos		811.80		
Despesas/CPMF		80.00		
7-Oct	Cheque 00002-Telem ar ref 09/04		57.23	
8-Oct	Cheque 00001-Biam ar Telemformãtica (fotos digitais)		96.00	
18-Oct	Cheque 00007-Sier Placem (banco)		20.00	
20-Oct	Cheque 00003-Cadernec (envelopes e etiquetas)		94.20	
26-Oct	Cheque 00004-Rugãrio Freire (08 antologias)		80.00	
27-Oct	Cheque 00005-Consãrcio M. Com unicagão(diplomas)		53.00	2072.75
Mensalidade Acadêmicos		816.70		
Despesas/CPMF			55.04	
1-Nov	Cheque 528220-Martha Faria Farquenas (Porcelana)		50.00	
3-Nov	Cheque 000006-Porta123.com - (site)		44.00	
3-Nov	Cheque 000011-Central Grãtica (im pressão de jornal)		420.00	
10-Nov	Cheque 000018-Focus (fotografias e 11m agem)		240.00	
11-Nov	Cheque 000010-Itaifoto (revelagão fotos)		42.00	
16-Nov	Cheque 000014-Telem ar ref 10/04		55.28	
17-Nov	Cheque 000007-Comercial Parafusos (corrente)		95.00	
18-Nov	Cheque 000012-ECT Correltos (selos e postagem)		192.00	
30-Nov	Cheque 000005-ECT Correltos		20.00	1783.11
Mensalidade Acadêmicos		82.06		
Despesas/CPMF			46.42	
7-Dec	Cheque 000017-Telem ar nov/04		75.31	
13-Dec	Cheque 000015-ECT Correltos		27.05	
13-Dec	Cheque 000016-Diversos (saagados e refrigerantes)		77.12	
20-Dec	Cheque 000024-Dãvio Teixeira (revisão de 1º livro)		100.00	
21-Dec	Cheque 000019-Consãrcio Mineiro Com. - Antologias		100.00	
22-Dec	Cheque 000018-Cadernec Papelaria (despesas gerais)		68.00	
27-Dec	Cheque 000020-Sagrada Farinha (coquetel 1ª parcela)		400.00	
28-Dec	Cheque 000020-Copaul (saagados de papel/xerox)		124.84	
28-Dec	Cheque 000020-Copaul (saagados de papel/xerox)		175.00	
Saldo Banco Itau em 31/12/2004			863.27	863.27

Saldo dez/2004				653.27
Mensalidade Acadêmicos			1177.60	
Emprãstimo (Dr Carlos Reindado)			305.00	
Despesas/CPMF			63.63	
3-Jan	Cheque 00027-Grã Edil Carlos Prates (livros, vol 10)		960.00	
6-Jan	Cheque 00028-Consãrcio Mineiro Com unicagão(diplomas)		177.00	
12-Jan	Cheque 00021-Assoc Mãdica de MG (ocagão de auditório)		117.00	818.24
Mensalidade Acadêmicos			783.40	
Despesas/CPMF			60.53	
1-Feb	Cheque 00030-Telera ref dez/2004		89.94	
1-Feb	Cheque 00035-Federagão Nacional de Cultura		95.42	
2-Feb	Cheque 00034-Sitio Pollyanna (filmagem)		80.00	
3-Feb	Cheque 00036-Sagrada Farinha(2ª parç) coquetel		400.00	
3-Feb	Cheque 00019-Maria da Consagão Assis Paula (saagados)		166.00	
10-Feb	Cheque 00031-Sagrada Farinha (coquetel)		80.00	
15-Feb	Cheque 00029-Correltos		31.45	
17-Feb	Cheque 00037-Telera ref 01/2005		60.22	
18-Feb	Cheque 00022-Aluguel do auditório da CAB		100.00	
21-Feb	Cheque 00032-Center Foto Moderno (fotos e revelagão)		41.50	
22-Feb	Cheque 00033-Copul Papelaria (cãpias de convites)		58.69	337.89
Despesas/CPMF			43.48	
10-Mar	Cheque 00040-Flora Cevali (corag)		120.00	
11-Mar	Cheque 00038-Miriu Festas (luguel de vasilhame)		98.00	76.41
Mensalidade Acadêmicos			1413.70	
Despesas/CPMF			65.60	
4-Apr	Cheque 00039-Sagrada Farinha(3ª parç) coquetel		320.00	
20-Apr	Cheque 00044-Telera ref 02/2005		78.79	
20-Apr	Cheque 00045-Telera ref 03/2005		61.87	
25-Apr	Cheque 00041-Correltos		57.20	
28-Apr	Cheque 00043-Vovã Lidã (saagados e refrigerantes)		140.00	766.65
Mensalidade Acadêmicos			873.75	
Despesas/CPMF			77.33	
30-May	Cheque 00042-Papelaria/Portã Internet		77.86	1485.21
Mensalidade Acadêmicos			285.00	
Despesas/CPMF			24.17	
30-Jun	Cheque 00046-Telera ref 04/2005		60.22	
30-Jun	Cheque 00047-Telera ref 05/2005		80.70	
Saldo em junho/2005			1605.12	

Senhor Presidente
 Na qualidade de membros do Conselho Superior da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, aprovamos, de acordo com o artigo 13 dos Estatutos, o balanço e o balancete da ACLCL, relativo ao período de 01-01-04 a 30-06-05, realizado pelo contador Décio Aversa Marzano, a nós encaminhado por V. Sa. Atenciosamente,
 a) Alex Assis Milagre (Presidente) a) Wilson Baãta de Assis (Secretário)



Construtores do Progresso - Versão 2005

Poder Executivo



SECRETÁRIO DIARLHES PIDER BENJAMIN

Poder Legislativo



VEREADOR VICTOR BHERING NETO

Poder Judiciário



ADVOGADA MARIA PATRÍCIA VIANA CRUZ

Educação



IRMÃ MARIA DA CONCEIÇÃO PAIXÃO DE REZENDE

Cultura



IRMÃ MARIA CAMILA MARQUES

Indústria e Comércio



PADARIA "SAGRADA FARINHA"

Comunicação Social



RADIALISTA AUGUSTO GUSTAVO DA SILVA

Esporte, Lazer e Turismo



EX-ATLETA OCTÁVIO PYRAMO DE LIMA

Ciências Sociais



SENHOR LUIZ GONZAGA SANTIAGO MARQUES

Continua na página 6